

---

O envelope não tinha selo e apenas meu nome sublinhado na frente; de algum modo, chegara até minhas mãos em Calcutá. Mas estávamos na Índia, onde estrangeiros grandes e rosados eram tão óbvios que não precisávamos de endereço. Os indianos nos viam mesmo que não os víssemos. As pessoas falavam em termos grandiosos sobre as cidades imensas e a complexidade, mas a Índia em todo o seu espriamento me parecia menos um país do que uma aldeia inchada, uma aldeia de um bilhão, com suas devoções de aldeia, prazeres de aldeia, peculiaridades de aldeia, crimes de aldeia.

A carta de um estranho pode ser motivo de irritação ou drama. Aquela ali vinha em um fino papel artesanal indiano, flocos de mingau de aveia em sua trama e filetes avermelhados como se fossem salpicos de sangue, escrita numa caligrafia firme com nanquim roxo. Então dramatizei o momento, pesando-a em minha mão, e passei o abridor de cartas vagarosamente, como se estivesse sendo observado. Na populosa Calcutá, cidade de deformidades, ter alguém me observando era altamente provável. Mas como alguém podia saber que eu estava no Hotel Hastings, a leste de Chowringhee, em uma obscura travessa da Sudder Street, em todos os sentidos enterrado vivo?

Acontecia de eu estar à procura de uma matéria, mas Calcutá começara a grudar em minha pele, e eu mal principiara uma descrição de como aquela cidade, em suas emanções de decomposição nos meses que precedem a monção, era como a coceira que você experimenta quando esvazia o saco muito sujo de um aspirador de pó, cheio de partículas alergênicas, cabelos mortos, pelúcias de sujeira e restos de pele, e você engasga e se coça com a irritação, tentando arrancar as cócegas e o fedor de seu rosto — uma de minhas fascinantes aberturas.

Enquanto relia a carta para ver se era autêntica, uma vespa começou a circundar em arcos curtos e colidiu contra a vidraça, enxergando apenas a luz do dia. Abri a janela para libertá-la, mas, em vez de voar para fora, ela esvoaçou erraticamente para outra janela e se chocou contra o vidro — estúpida! —, depois aterrissou em meu braço úmido. Bati para espantar. O inseto descreveu uma órbita em torno de minha cabeça e finalmente, embora eu houvesse tentado salvá-lo, não saiu voando pela janela, mas pareceu sumir em algum lugar do meu quarto, onde iria zumbir e me picar no meio da noite.

Lembrei como meu amigo Howard do consulado americano me perguntara no dia anterior se eu já fora casado. Eu disse: “Não, cheguei a uma altura da vida em que já não olho mais para uma mulher e digo comigo mesmo: ‘Quem sabe não é a mulher certa pra mim.’”

Ótima resposta, pensei. Fiquei surpreso com minha própria honestidade. Por anos eu contara mentiras plausíveis, dizendo que estava ocupado demais com o trabalho, os artigos de viagem que eu escrevia. Antes eu gostava de pensar: “Quem sabe não é a mulher certa.” Mas as viagens me absorviam. Era fácil demais para um escritor como eu postergar a grande decisão — não um escritor de viagens, mas um escritor em viagem, sempre em movimento, sempre prometendo um livro. Eu decepcionara duas mulheres lá nos Estados Unidos e depois que parti me tornei um desses enigmas calculados, me reinventando, fingindo ser espiritual, mas inescrupulosamente mundano, cheio de bonomia e conselhos de viagem, para então deixar as pessoas falando sozinhas quando passassem a me conhecer bem demais ou quisessem mais do que eu estava disposto a dar. Eu não lamentava mais a falta do casamento, embora me passasse pela cabeça que deveria ter tido um filho. Agora era tarde demais, eu já me tornara mais um “pé na estrada” evasivo querendo abarcar o mundo com as pernas, gostando do provisório, das desculpas fáceis, sempre protestando e seguindo em frente. *Tenho de estar em Bancoc na segunda!* Como se o assunto fosse urgente e complicado. Mas Bancoc era um hotel agradável, cervejas com outros narcisistas complacentes como eu e uma sala de massagem, o melhor sexo — higiênico, feliz e anônimo, alívio sem culpa.

*Você é um nômade*, as pessoas me diziam. Era em parte verdade — se você sabe alguma coisa sobre nômades, sabe que não são destituídos de rumo. Eles planejam e guardam para o futuro, são inteiramente previsíveis, mantendo-se em rotas bem estabelecidas. E eu também era dotado da por vezes assombrosa receptividade dos nômades para augúrios.

O dia da carta, por exemplo, foi significativo — estranhos presságios, pensei. Primeiro a vespa, depois a visão de uma criança deformada e paralítica em Chowringhee, rastejando nas mãos e nos joelhos como um animal ferido, uma nova espécie de humano em um estágio intermediário, regredindo à posição de quatro. E nessa tarde minha amiga dançarina, a sinuosa Parvati, revelando pela primeira vez que era uma adepta de um tipo de arte marcial indiana chamada *kalaripayatu*, e “Eu posso quebrar seu braço, mas também posso consertar, porque se a pessoa sabe como machucar alguém, também sabe como curar”. Parvati escrevia poemas sensuais, tocava tabla, queria escrever um romance, não era casada — e eu era feliz por conhecê-la, porque nunca dizia: “Quem sabe não é a mulher certa pra mim.”

Nesse mesmo dia, meu amigo Howard no consulado americano me falou sobre as crianças desaparecendo das ruas, sequestradas para trabalhar em bordéis ou fábricas clandestinas, ou vendidas para estrangeiros.

“Escuta só essa...” Ele conhecia um casal de estrangeiros com um filho pequeno e que sempre que chegava em casa não encontrava a ama. A ama explicava: “A gente passeando em parque.” A criança se mostrava muito calma na companhia da babá, e a babá vivia abonada: braceletes de ouro, iPod, sempre com presentes para o menino. “Eu poupando dinheiro.” Mas um dia, quando voltavam para casa num horário inabitual, em um bairro distante, o casal viu a babá esmolando no trânsito, mais uma *bhikhiri* num cruzamento, segurando o filhinho deles — a mendiga bengali clássica, comovente em sua tenacidade. E a criança, babando e atordoada, drogada de ópio.

“Quem sabe você não usa isso?”, disse Howard, como as pessoas fazem com escritores. Por incrível que pareça, acabei de usar, mas foi a carta que mudou tudo. A carta era obviamente de uma mulher, obviamente rica.

Gente rica nunca escuta, e foi por isso que preferi a carta da mulher em minha mão a vê-la zurrando na minha cara um desses monólogos enlouquecedores dos quais o interlocutor não consegue escapar: “Espera. Deixa eu terminar!” Eu podia ler a carta em paz. Alguma coisa nela me dizia que se a mulher que a escreveu estivesse comigo falaria sem parar. E dada a natureza dos fatos na carta — um corpo em um quarto barato de hotel, um hóspede apavorado, sua fuga, o mistério — eu precisava de cabeça limpa, silêncio, tempo para pensar. Ela estava me pedindo um favor. Eu podia chegar a uma decisão mais sensata se fizesse meu julgamento apenas baseado nos fatos — a forma de seu apelo, sua letra, todo o tom da carta, mais do que me sentir atraído ou repellido pela astúcia da própria mulher, acreditando que a palavra escrita é mais reveladora que um rosto.

Eu sabia que ela era rica devido ao símbolo hindu em relevo dourado no timbre e ao papel caro. Sabia que era uma mulher com certa idade só pela letra — uma pessoa mais jovem teria rabiscado às pressas ou enviado um e-mail. A riqueza se evidenciava em seu tom atrevido e casual, até mesmo na gramática relapsa, nas curvas bem delineadas de sua excelente caligrafia. O envelope me fora entregue em mãos em meu hotel.

“Correspondência para o senhor”, Ramesh Datta, o funcionário no balcão da recepção, disse quando a entregou para mim. Ele também ficou um tanto impressionado com o volume da coisa: uma carta longa, um documento grande, um calhamaço de palavras, como se aquilo representasse sortilégio ou riqueza, uma proposta à moda antiga.

O mais espantoso de tudo era ter nas mãos uma genuína carta de três páginas, escrita em nanquim roxo sobre um papel grosso, como um artefato, e até o assunto e os detalhes periféricos eram à moda antiga: o desejo de uma mulher rica, um cadáver, um chocado hóspede de hotel em Calcutá logo após o festival de Durga Puja.

*Caro amigo, começava.*

Assisti à sua maravilhosa palestra ontem à noite no centro de cultura americana e pensei em me aproximar depois para conversar, mas você estava cercado de admiradores. Não importa. Melhor que seja por escrito, o assunto é sério, e

não tenho certeza sobre como pode me ajudar, mas andei lendo seus artigos de viagem, então eu sei que sabe um bocado sobre o mundo e particularmente sobre a Índia, que é o meu problema.

Estão vendo o que eu quis dizer quando falei da gramática e do atrevimento?

Meu filho adora o que você escreve, e em certo sentido você é responsável por ele ter vindo para a Índia. Acho que ele já leu tudo o que você escreveu. Ele aprendeu muita coisa com você e eu também. Tenho de admitir que fico com um pouco de ciúme quando ele fala sobre você, mas a verdade é que a palavra escrita é tão convincente que ele sente como se o conhecesse, e eu acho que comigo é assim também. Pode se considerar da família. A gente já leu um monte de seus artigos de viagem e mostrou para os nossos amigos viajantes.

Um pouco sobre mim. Sou uma empreendedora, com casas em Nova York e em Palm Beach, e meu hobby por muitos anos foi decoração de interiores — sempre para amigos. Eles me encorajaram a começar um negócio próprio. Fazer uma coisa que a gente gosta é sempre um bom jeito de conhecer o sucesso, e acho que foi o que aconteceu comigo. Meu filho se juntou a mim no negócio. A propósito, sempre achei que seria um desafio incrível decorar o gabinete de um escritor — adoraria fazer o seu.

Vim para a Índia para supervisionar minhas obras de caridade, que têm a ver com assistência infantil, e também para procurar tecidos — linho, seda, algodão fino, forro de chão e artigos têxteis de todo tipo, velhos e novos. Eu faço bastante parede com tecido, forro elas com alguma seda bem bonita. Virou uma marca registrada minha. No momento estou comprando. Posso mostrar umas peças bem finas pra você.

Agora a parte difícil. Primeiro, você precisa ter máxima discrição. Estou pedindo que respeite meu voto de confiança. Estou lhe escrevendo porque, baseado em seu estreito relacionamento com o consulado dos EUA, sinto

---

que posso confiar em você. É uma sorte incrível também nós dois estarmos em Calcutá ao mesmo tempo, como se fosse uma coisa predestinada, nossos caminhos se cruzando desse jeito. Se acontecer de você não mostrar nenhum interesse pelo que vou dizer em seguida, por favor, destrua esta carta e não faça mais nada, e eu — lamentavelmente — nunca mais entrarei em contato outra vez.

Mas estou contando com sua ajuda. Dada sua vasta experiência de viajante, creio não existir ninguém capaz de se revelar tão útil nessa sensível questão.

Aqui está o problema. O amigo mais chegado do meu filho, que é indiano, acredita estar numa encrenca séria. Normalmente ele está com a gente, mas como estávamos viajando e fazendo compras depois do Durga Puja ele se hospedou em um estabelecimento perto de Chowringhee, um lugar não muito bom, mas você já sabe que pulgueiros podem ser esses hotezinhos indianos. Ele ficou ali por alguns dias e então, como uma cena tirada de uma de suas histórias, acordou certa noite e encontrou um cadáver em seu quarto — um rapaz morto no chão. Ele ficou histérico. Não fazia ideia de como fora parar ali. Não sabia o que fazer. Se informasse o hotel, iriam acusá-lo de assassinato. Como poderia explicar a presença do menino morto?

Ele então fez a coisa mais estúpida, ou pelo menos disse que fez. Pegou suas coisas e foi embora sem fazer o checkout, e se escondeu. Como você pode imaginar, Calcutá não é um lugar difícil para se esconder. Conversei com ele a respeito disso, mas o fato é que está morrendo de medo do que vai acontecer se for descoberto e de algum modo vinculado ao corpo.

Claro, também estou preocupada que meu filho possa ser associado a esse negócio, e meu pior pesadelo seria ver meu filho terminar em uma cadeia indiana.

Estamos planejando partir da Índia na monção, mas primeiro quero ter certeza de que o amigo de meu filho está a salvo. Eu não poderia me olhar no espelho outra vez se abandonasse o pobre rapaz. Sei que disponho dos recursos para ajudá-lo, e seria um crime se eu não o fizesse.

Não lhe forneci nenhum nome, data ou fatos úteis. Isso é deliberado. Devo usar de discrição. Se você acha que pode me ajudar e quiser saber mais, por favor entre em contato comigo pelo número do meu celular acima, e talvez a gente possa conversar. Quem sabe no Oberoi Grand? Dados os parâmetros do meu problema, não vou culpá-lo se simplesmente rasgar esta carta e seguir seu caminho sem maiores preocupações. Se esse for o caso, obrigada por ter lido até aqui. De todo modo, seja qual for sua decisão, meu filho e eu vamos continuar a ler você.

Afetuosamente,  
Merrill Unger (Sra.)